



ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM TEMPOS DE COVID-19

Louise Jar Pereira de Araújo - Professora na Prefeitura Municipal do Natal.

Emerson Nunes de Almeida - Secretaria do Estado do Rio Grande do Norte.

Josefa Gomes Neta - PhD em Ciências da Educação pela Veni Creator

Contatos: louisejar6@gmail.com; nunespedagogo@yahoo.com.br; neta_gomes9@yahoo.com.br.

OBJETIVOS

- Evidenciar a excepcionalidade da situação que levou inúmeros países a desenvolver ações de educação remota emergencial e as implicações nos diferentes níveis educacionais.

JUSTIFICATIVA

- A situação de emergência atual fez com que muitas instituições educacionais migrassem para o Ensino Remoto Emergencial (ERE) para dar cobertura aos seus estudantes enquanto as instituições de ensino superior (IES) continuaram fechadas e seguiram o confinamento em casa. O novo coronavírus produziu esse efeito, mas em uma velocidade bem mais intensificada, possivelmente pelas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), pois foi possível perceber que todo o mundo não se encontrava previamente preparado para os efeitos sociais, culturais, educacionais e econômicos gerados por esse vírus.

INTRODUÇÃO

- O Covid-19 espalhou-se rapidamente, trouxe grandes desafios para nossa sociedade, mas também aprendizados preciosos e gerou a inédita situação da população estudantil estar isolada em todo o mundo. A conexão com a educação não poderia ser esquecida, ela é um dos principais fatores para mudança de todo um sistema educacional que vem sempre buscando e necessitando de evolução.

METODOLOGIA

- O ensino presencial físico precisou ser transposto para os meios digitais. No ERE, a aula ocorre num tempo síncrono (seguindo os princípios do ensino presencial), com videoaula, aula expositiva por sistema de webconferência, e as atividades seguem durante a semana no espaço de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) de forma assíncrona. A presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula presencial é “substituída” por uma presença digital numa aula online, o que se chama de ‘presença social’.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

- Podemos dizer que o que iria talvez ocorrer na educação em uma década acabou acontecendo de forma “emergencial” em um, dois ou três meses. Os professores estão aprendendo mais do que nunca a criar aulas online, testando, errando, ajustando e se desafiando a cada dia. Cabe enfatizar que as atividades remotas emergenciais não são só videoaulas. Nesse tipo de atividade, o professor tem que participar ativamente do conteúdo, interagindo ao vivo com seus alunos e organizando tarefas para serem realizadas e postadas ao longo da semana na plataforma selecionada pela instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Diante deste cenário escolar, inúmeros países discutiram internamente possibilidades de atendimento escolar em situações de excepcionalidade. É importante salientar que o contexto contemporâneo apresenta opções e possibilidades bem diferentes de emergências pandêmicas do passado. Uma delas diz respeito à disseminação de tecnologias digitais de informação e comunicação - sobretudo a Internet que se familiarizando com o funcionamento do ensino remoto. É importante mencionar que ao longo das aulas as competências socioemocionais empatia, confiança e determinação foram trabalhadas de forma integrada através da metodologia de duplo foco. As crianças que não usavam o recurso do aplicativo tiveram acesso às atividades propostas através do suporte da coordenadora, disponibilizando materiais impressos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: planejando a alfabetização; integrando diferentes áreas do conhecimento: projetos didáticos e sequências didáticas: ano 1, Unidade 6. Ministério da Educação Brasília : MEC, SEB, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. CANDAU, Vera Maria. Magistério: construção cotidiana. Rio de Janeiro: Vozes, 4 edições, 2003.
- DEMO, Pedro. Professor do futuro e reconstrução do conhecimento. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207.
- KAURK, Fabiana. MANHÃES, Fernanda Castro. MEDEIROS, Carlos Henrique. Metodologia da pesquisa: guia prático. Itabuna. Via Litterarium. 2010.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica.5.ed. São Paulo: Atlas 2003.
- LEAL, Telma Ferraz. O Planejamento como estratégia de formação de professores: organização e reflexão sobre o cotidiano da sala de aula. In: LEAL, Telma Ferraz.
- RIVAS, Axel. Pedagogía de la excepción: cómo educar en la pandemia? Buenos Aires: Universidad de San Andrés (UDES), 2020. [Documento de trabalho] Disponível em: https://www.udes.edu.ar/sites/default/files/rivaseducar_en_tiempos_de_pandemia.pdf Acesso em 05 fev. 2022.
- ROMANOWSKI, Joana Paulin. Formação e profissionalização docente. Curitiba: Ibpex, 2007.
- LOIOLA, Rita. Formação continuada. Revista Nova Escola. São Paulo: Editora Abril. n: 222. p. 89, maio 2009.
- SOUZA, Karine Pinheiro de. As portas da conectividade, da educação e da ecologia de saberes: os limites e as possibilidades, em tempos de COVID-19. Alice News, n. 2, maio 2020. Disponível: alicenews.ces.uc.pt. Acesso em 20 fevereiro 2021.
- ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Trad. Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.